

# Matemática Divina: a Matemática da Bíblia



**Por: Ricardo Cunha Teixeira**  
Professor Associado da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade dos Açores  
ricardo.ec.teixeira@uac.pt

A Matemática não marca presença na Bíblia com cálculos extensos ou demonstrações, mas revela-se de forma subtil e discreta nos números que aparecem com uma cadência quase ritual, como uma espécie de fio invisível que liga os diferentes livros, capítulos e versículos. Talvez seja isso o mais fascinante: perceber que, mesmo numa das obras mais antigas da nossa cultura, a Matemática já estava presente, moldando a estrutura de textos sagrados, entre personagens lendárias e visões proféticas, como se os números fossem também uma linguagem do divino. Desde os 7 dias da criação até ao misterioso 666 do Apocalipse, os números surgem como sinais carregados de simbolismo e intenção. Neste texto, apresentamos alguns dos exemplos mais relevantes da presença da Matemática na Bíblia.

O número 7 é talvez o mais emblemático. Desde a passagem do Génesis 2:2-3 (livro do Génesis, capítulo 2, versículos 2 e 3), onde se relata que Deus criou o mundo em seis dias e descansou ao sétimo, o número 7 adquire na Bíblia um simbolismo especial, representando a plenitude e a perfeição divina. Esse significado reaparece na consagração do sétimo dia como dia de repouso semanal (Êxodo 20:8-11; “trabalharás durante seis dias e levarás a cabo todas as tuas tarefas”; “mas o sétimo dia é de descanso, consagrado ao Senhor, teu Deus”), nos ciclos de sete anos das culturas (Levítico 25:3-4; “semearás o teu campo durante seis anos”; “mas no sétimo ano será concedido à terra um descanso”; “não semearás o teu campo, nem podarás a tua vinha”) e na conquista de Jericó (Josué 6:13-20; “os sete sacerdotes, levando as sete trombetas, diante da arca do Senhor, puseram-se em marcha”; “e no sétimo dia, levantando-se de madrugada, deram sete vezes a volta à cidade”). Assim, o 7 representa a totalidade, um ciclo completo e sagrado. Há ainda a destacar os sete anos de abundância e os sete anos de fome no Egito (Génesis 41:29-30) e o livro do Apocalipse em que o 7 domina a narrativa: sete igrejas (Apocalipse 1:11), sete castiçais de ouro (1:12), sete estrelas (1:16), sete selos (5:1), sete anjos com sete trombetas (8:2) e sete flagelos despoletados por sete taças da ira de Deus (16:1-21).

Ainda no livro do Apocalipse, há a destacar o valor simbólico do 666, que é apresentado como o número da Besta (Apocalipse 13:18): “É aqui que é preciso sabedoria. Quem for dotado de inteligência calcule o número da Besta, porque é o número de um homem, e o seu número é seiscentos e ses-

senta e seis.” Esta passagem tem alimentado debates, especulações e teorias ao longo de séculos. Alguns estudiosos defendem que se trata de uma técnica judaica que atribui valores numéricos às letras do alfabeto. Segundo esta leitura, 666 pode corresponder ao nome “Nero César” em hebraico transliterado, uma figura de perseguição para os primeiros cristãos. Outros interpretam este número como o símbolo da imperfeição levada ao extremo – o seis, número associado ao homem, repetido três vezes, num aparente esforço para imitar a perfeição do sete e da Santíssima Trindade, sem nunca a atingir. Recorde-se que, no relato do Génesis (1:26-31), o homem é criado precisamente no sexto dia.

O número 12 também aparece na Bíblia com alguma força simbólica, desde logo se atendermos às doze tribos que correspondem aos descendentes dos doze filhos de Jacob (Génesis 49:1-28; Números 1:1-16) e aos doze apóstolos (Mateus 10:1-4). Há igualmente a considerar os 144 mil servos (Apocalipse 7:4). Este número não é arbitrário porque 12x12x1000 combina a totalidade das tribos com o número de apóstolos, ampliando a grandeza num milhar. No livro do Apocalipse e, de um modo geral, nos diferentes livros da Bíblia, os números não surgem ao acaso, pois estão repletos de significado, revelando uma estrutura oculta, quase matemática, do plano divino. Sinal disso é a nova Jerusalém que apresenta uma muralha com doze portas com os nomes das doze tribos, guardadas por doze anjos, e com doze fundamentos, estando sobre eles os nomes dos doze apóstolos, o que simboliza uma unidade entre o Antigo e o Novo Testamento (Apocalipse 21:12-14).

Segue-se uma lista de ocorrências de outros números na Bíblia e dos seus significados: 3 (normalmente associado à manifestação da plenitude divina) – três visitantes aparecem a Abraão (Génesis 18:2); Jonas passa três dias no ventre de um grande peixe (Jonas 2:1); a Santíssima Trindade Pai, Filho e Espírito Santo (Mateus 28:19); Jesus ressuscita ao terceiro dia (Lucas 24:7); 4 (representa a totalidade do mundo físico ou da criação) – os quatro cantos da terra (Isaías 11:12); os quatro ventos do céu (Daniel 7:2); quatro anjos sobre os quatro cantos da terra retendo os quatro ventos da terra (Apocalipse 7:1); os quatro cavaleiros do Apocalipse que aparecem quando o primeiro dos sete selos é quebrado (Apocalipse 6:1-8); o leitor pode apreciar uma gravura de Dürer (1498) dedicada aos quatro cavaleiros do Apocalipse; as suas visões do apocalipse, no total de 15 gravuras, estão carregadas de simbolismo numerológico; 10 (simboliza a ordem divina e a responsabilidade moral) – as dez pragas do Egito (Êxodo 7:1 a 11:10); os dez mandamentos (Êxodo 20:1-21); as dez virgens da parábola (Mateus 25:1-13); 40 (relacionado com tempo de provação, preparação e transformação espiritual) – quarenta dias do dilúvio (Génesis 7:12); Moisés passou quarenta dias no monte



Sinai (Êxodo 24:18); o povo de Israel andou quarenta anos no deserto (Números 14:33); Jesus jejuou quarenta dias no deserto (Mateus 4:2); 70 (representa plenitude e universalidade) – setenta descendentes dos três filhos de Noé, considerados os fundadores das setenta nações da Antiguidade (Génesis 10:1-32); Jacob desce ao Egito com setenta membros da sua família, o núcleo inicial do povo de Israel (Génesis 46:27; Êxodo 1:5); setenta anciãos escolhidos por Moisés para o ajudar a governar o seu povo (Números 11:16-17); setenta anos de exílio na Babilónia, o tempo determinado por Deus para a purificação e arrependimento do povo de Israel (Jeremias 25:11-12; Daniel 9:2).

Vejamos, agora, a ocorrência do número 153 na Bíblia. Após a ressurreição, Jesus aparece aos discípulos junto ao mar de Tiberíades e orienta-os numa pesca milagrosa. Os discípulos apanham 153 peixes (João 21:11), o que, segundo vários especialistas em estudos bíblicos, simboliza a totalidade das almas humanas que serão “pescadas” pelos discípulos para o Reino de Deus. O número 153 é entendido como uma alusão simbólica a todos os povos da Terra, ecoando a ideia das 70 nações do Génesis, numa versão expandida. De notar que 153 é a soma dos primeiros dezassete números naturais:  $153 = 1 + \dots + 17$ . Segundo Santo Agostinho, 17 é 10 (que representa a Lei) mais 7 (que representa os dons do Espírito Santo). Portanto, o 153 simboliza os que são salvos pela união da Lei com a Graça, uma espécie de síntese mística entre o Antigo e o Novo Testamento, entre a justiça e o amor.

A Bíblia apresenta várias contagens minuciosas: os 603 mil 550 homens de guerra do censo feito por Moisés no deserto (Números 1:45-46), os 7 mil homens que não dobraram o joelho a Baal (I Reis 19:18) e os 5 mil homens alimentados com cinco pães e dois peixes (Mateus 14:21), entre outros exemplos. Esta recorrência de números precisos

pode revelar uma preocupação com o registo fiel dos acontecimentos, mas também pode indicar a intenção em construir mensagens simbólicas, que possam ser interpretadas por quem saiba “ler os significados ocultos dos números”.

É curioso notar que são referidas diversas unidades de medida antigas nos textos bíblicos, especialmente em passagens que descrevem construções, rituais ou trocas comerciais, destacando-se as seguintes: côvado (unidade de comprimento baseada na distância do cotovelo até à ponta do dedo médio; 1 côvado corresponde aproximadamente a 46 centímetros); bato (unidade de capacidade para medir líquidos como azeite, vinho ou água; 1 bato é igual a cerca de 22 litros); efa (unidade de volume usada para farinha, cereais ou outros produtos alimentares que não fossem líquidos; 1 efa é igual a cerca de 22 decímetros cúbicos; o próprio recipiente onde se media os produtos, e que tinha esse volume, era chamado de efa); siclo (medida de massa usada para metais preciosos, como a prata e o ouro; 1 siclo vale cerca de 11,4 gramas); talento (medida de massa usada para grandes quantidades de metais preciosos; 1 talento corresponde a 3 mil siclos, ou seja, a cerca de 34,2 quilogramas).

Temos como exemplos: “o templo que o rei Salomão edificou ao Senhor media 60 côvados de comprimento, 20 de largura e 30 de altura” (I Reis 6:2) – o que corresponde a 27,6 metros de comprimento, 9,2 de largura e 13,8 de altura; “a sua borda, igual a um copo, tinha a forma de uma flor de lótus; a sua capacidade era de 3 mil batos” (II Crónicas 4:5) – o que corresponde a 66 mil litros; “Gedeão entrou em casa, preparou um cabrito e com uma efa de farinha fez pães sem fermento” (Juizes 6:19) – para o leitor ter uma ideia do que representa uma efa de farinha, e admitindo uma estimativa simplificada que não considere o espalhamento entre as partículas da farinha, imagine um balde grande de 22 litros cheio de farinha, o que corresponde aproximadamente ao volume da farinha utilizada para fazer os pães; “quando os camelos acabaram de beber, o homem tirou um anel de ouro com meio siclo de peso e duas pulseiras que pesavam dez siclos” (Génesis 24:22); – o anel tinha cerca de 5,7 gramas e as pulseiras 114 gramas; “pedras de granizo, pesando cerca de um talento, caíram do céu sobre os homens” (Apocalipse 16:21); “tirou a coroa da cabeça de Malcom, que pesava um talento de ouro” (II Samuel 12:30) – um talento é igual a cerca de 34,2 quilogramas (é uma verdadeira proeza colocar na cabeça uma coroa tão pesada); “a um deu cinco talentos, a outro dois e a outro um” (Mateus 25:15) – respetivamente, 171 quilogramas, 68,4 quilogramas e 34,2 quilogramas; embora a parábola não explicite o metal em causa, a prata era o metal mais comum usado em contextos monetários.

Desde os primeiros versículos, a Bíblia revela uma visão do mundo intrinsecamente matemática, onde os números não servem apenas para contar ou medir, mas também encerram significados mais profundos – como se a própria estrutura do mundo estivesse escrita em linguagem matemática.